

Relato Crítico – I.COM 2013

Nome: Catherine Aparecida Oliveira Maia / N.USP: 7611780 / Disciplina: Introdução à Museologia / Período: Noturno

Já de início creio ser importante ressaltar o teor comum dessas quatro palestras – ainda que o tema do evento fosse “Memória e Criatividade” – que ao mesmo tempo que incorpora esse tema, vai além dele, propondo ideias revolucionárias, tendo em vista que cada uma delas, aborda a seu modo a necessidade de se olhar o museu e seus assuntos pertinentes de maneira à fugir de um olhar convencional e tradicional e que propõem que o museu seja antes de mais nada, um espaço de construção.

A primeira palestra, ministrada pelo Prof. Emérito da USP Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, intitulada “O museu e a condição humana: o horizonte sensorial” fornece boa parte da base filosófica-conceitual que coincidentemente dialoga muito com as outras reflexões vindouras. Na ânsia de apresentar algo deveras constitutivo da cultura brasileira, que pudesse demonstrar sintética e fidedignamente o caráter multiforme da mesma (sem cair em estereótipos ou clichês turísticos), ele traz a sua primeira indagação que gira em torno da Sensorialidade da condição humana. Com frases como a do antropólogo P. Garnier “*Não temos um corpo, somos um corpo*”, ele constrói seu discurso, enfatizando o fato do ser humano como um animal racional e sensorial, ser vivo que habita o mundo e que necessita reconhecer a essencialidade deste contato, de tal modo que as percepções sensíveis não sejam mais menosprezadas, pois são elas que possibilitam um real entendimento da condição de existência humana, que é amplamente constituída de materialidade, muito embora sejamos seres de uma amplitude inteligível e abstrata. Tal conceito se contrapõe com uma longa tradição histórico-social do logocentrismo, no qual se pauta a sociedade contemporânea, que subjugua e subestima o poder e a amplitude do “sensível” e suas experiências em detrimento da lógica, da primazia pela escrita e por um mundo de – para dizer à moda de Platão – inteligibilidade. Já em sua primeira reflexão, o Prof. Ulpiano consegue a proeza de trabalhar na ideia de uma quebra de paradigma, ao qual ele estende para a principal ideia de todo o seu discurso, no qual aborda a questão museológica: o museu, que ao seu ver, é uma plataforma de potencial pois dialoga fortemente com a sensorialidade, sendo assim capaz de ser uma ferramenta estratégica para a compreensão da condição humana, que é de todos os objetivos que poderiam ser alcançados, o mais primordial. No momento em que ele critica a baixa importância que o museu tem para a vida da população brasileira e que critica a constante demanda de desmaterialização museológica, devido à era virtual em que vivemos, que continuamente leva às tendências de virtualização de acervos e da experiência em um museu em si, ao meu ver, ele revoluciona, pois ele coloca em cheque toda uma cultura tecno-cientificista, fomentada por décadas e décadas por um cerne pós-iluminista. De igual força revolucionária também é a palestra do comunicador social e jornalista Jorge Melguizo, que propõe uma ruptura violenta com todo o paradigma de museu criado no século XIX, no qual o museu seria o receptáculo do patrimônio da nação, neste primeiro momento criando e posteriormente conservando essa espécie de identidade nacional que foi criada no momento em que o museu, enquanto instituição, preserva determinadas coisas em detrimento de outras. Melguizo defende a criação de um museu seja um lugar

de encontro e de acolhimento da população local, que seja um espaço de reflexão e pra além da preservação de um patrimônio, vise a criação de um patrimônio, mais verdadeiro, portanto mais condizente, com a realidade da população local. O jornalista, que é da cidade de Medellín, vem de um contexto histórico-cultural, pelo menos naquilo que foi possível ver em suas reivindicações, muito parecido com o contexto brasileiro denuncia a pouca abrangência do museu, sendo um local de reverência, intimidação e incertezas. Questiona pungentemente o significado dessa instituição que não toca seu público, pois boa parte do mesmo não sabe como se comportar em um museu, o que esperar dele e o que dizer sobre ele. Ironicamente, a palestra de José Wisnik, de certa maneira realiza os desejos museológicos de Melguizo pois Wisnik consegue relacionar passado e presente, em construções poéticas sutilmente tocantes, unindo um Gregório de Matos e um rapper, um Drummond a uma Elza Soares...sempre na tentativa de evidenciar a atualidade da palavra poética que perpassa a linha cronológica, indo do passado para o presente sem se deteriorar ou perder sua força *poiésis* ao longo de sua caminhada temporal. Interessante também notar que os dois contextos históricos-culturais se interpelam tendo em vista que tanto o Brasil quanto Medellín sofrem de uma carência educacional que impede o público de usufruir plenamente do museu e de certa maneira apropriar-se da sua cultura e conseqüentemente reinventá-la.

A reinvenção da cultura, que passa também pelo viés histórico e artístico (portanto museológico), também é abordado na poética palestra do escritor moçambicano Mia Couto. Mia, como o medeliano Melguizo, também explorou em seu discurso a relação do passado com o futuro, e de como o ser humano tem a sua responsabilidade na construção de ambos. Parte também da concepção de que a matéria prima do museu é o tempo, pra além disso, evidencia também a necessidade de se reconhecer várias espécies de tempo, de uma nação para outra...de uma época para outra. Para isso, faz uso de vários exemplos, sendo um deles a sensível história de sua vizinha costureira (que docemente diz que foi sua primeira referência museológica), que para além de evidenciar uma outra maneira de sentir o tempo, evidencia o viés materialista da existência e da identidade do indivíduo (que curiosamente, ao meu ver, nesse ponto se cruza bastante com a fala do Prof. Ulpiano), que usa os objetos para reiterar o próprio ser, uma forma de entender a si mesmo de maneira orgânica. Evidenciou a distância de pensar e vivenciar o tempo fazendo paralelos com a geração de sua família, o modo como seu pai sentia o tempo, como ele sente o tempo e como a sua filha, hoje, no mundo avassaladoramente rápido e globalizado, sente a passagem do tempo.

Em resumo, creio que o ciclo de palestras ilustra brilhantemente, sob vários ângulos e modos de percepção, como o museu é uma importante ferramenta de compreensão, o quanto nada é gratuito em uma exposição ou em uma instituição museológica e que grande responsabilidade o ser humano detém na criação do tempo, da história e por conseqüência, na manutenção ou na invenção do museu.